

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

007	Prefácio
011	Anamaria Welp
027	Antonio Sanseverino
041	Carina Rebello Cruz
047	Carmem Luci da Costa e Silva
059	Elaine Indrusiak
085	Elisa Battisti
095	Gabriel de Ávila Othero
103	Ingrid Finger
117	Lucia Sá Rebello
125	Luciana Vinhas
139	Luís Augusto Fischer
185	Luiz Carlos Schwindt
191	Márcia Ivana Lima e Silva
209	Maria da Glória Bordini
213	Michael Korfmann
227	Silvana Silva
235	Simone Sarmento
257	Ubiratã Kickhöfel Alves
285	Valdir do Nascimento Flores



elisa battisti

É professora associada do Instituto de Letras da UFRGS, no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária. Possui licenciatura Plena em Letras Português-Inglês pela UCS (1988), mestrado em Letras pela UFRGS (1993) e doutorado em Linguística e Letras pela PUCRS (1997). Realizou pós-doutorado em Fonologia na Vrije Universiteit - Amsterdam e no Meertens Instituut (2015-2016). No Instituto de Letras da UFRGS, é docente e orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras em duas linhas de pesquisa: na linha de Fonologia e Morfologia e na linha de Sociolinguística. Na graduação, ministra disciplinas de Linguística para Letras e para Fonoaudiologia. É Vogal na Comissão Diretiva da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL, mandato 2021-2026). É membro do grupo de pesquisa "Variação e mudança no português do sul do Brasil - VARSUL/RS" e do grupo de pesquisa "Alma Linguae: variação e contatos de línguas minoritárias". Desenvolve pesquisa principalmente sobre variação linguística como prática social e fonologia do português brasileiro.

Eu ingressei na Graduação em Letras (Licenciatura Plena – Português-Inglês) da Universidade de Caxias do Sul em março de 1984, concluí o curso em dezembro de 1987 e a cerimônia de formatura ocorreu em março de 1988. Linguística era o nome de três disciplinas da grade curricular: Linguística I, Linguística II, Linguística III, todas elas ministradas pela mesma professora, Carmen Faggion. As três disciplinas faziam uma historiografia da linguística, em um percurso bastante similar ao de R. H. Robins em “Pequena história da linguística”: os estudos de gregos, romanos e escolásticos em Linguística I; do Renascimento à linguística comparativa em Linguística II; dos estruturalistas aos gerativistas em Linguística III. A professora Carmen havia cursado as disciplinas do Mestrado na UFRGS, mas não havia defendido a dissertação, tendo então requerido o título de Especialista. Mesmo assim, dos docentes do curso que eu fiz, ela era quem tinha maior titulação e bagagem em linguística. A professora Carmen ministrava ainda outra disciplina, Língua Portuguesa I, voltada à fonética e fonologia, que enfim oportunizava operar com constituintes linguísticos (os fonemas) e exercitar algum grau de análise linguística, examinando – transcrevendo e buscando tecer algumas generalizações – dados do português. Os demais professores do curso eram o que, na minha cidade, se considerava bons professores, ou professores

notórios de português e literatura, que “sabiam muito” de suas áreas de estudo e que tinham destacada capacidade de organização didática e exposição oral. Ou seja, meus professores não eram nem mestres, nem doutores. Oriundos do ensino básico em instituições públicas e privadas de Caxias do Sul, realizavam estudos que lhes conferiam reconhecimento. À época e por essa razão, seus estudos os qualificavam para o exercício docente no Ensino Superior. O prof. Normelio Zanotto, por exemplo, que ministrava as disciplinas de Língua Portuguesa I, II, III, IV e V, era “fera” em morfologia estruturalista – é dele o livro “Estrutura mórfica da língua portuguesa” (EDUCS) – e sabia muito de sintaxe da gramática tradicional. Por interesse próprio, ele estudou funções da linguagem a partir de Jakobson, tendo chegado a Francis Vanoye, e linguística textual, que ele amava – também era excelente professor de texto e redação, tendo exercido a função de coordenador de redação do vestibular da UCS por longos anos. Outro exemplo é o da professora Vitalina Maria Frosi, reconhecida pela obra “Dialeto italianos”, sua e de Ciro Mioranza: podia ministrar de Linguística à Língua Portuguesa e Filologia Românica, como também eletivas no curso de Letras da UCS, a depender da organização do semestre e da distribuição das disciplinas entre os professores. A professora Vitalina é hoje uma referência nos estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul. Ou seja, de uma maneira “indireta”, ligada aos interesses e estudos dos meus professores, a linguística esteve presente em minha formação. Penso que os conteúdos de linguística da minha graduação em Letras foram a novidade do curso para

mim. Eu era considerada uma “boa aluna” no colégio, “ia bem” em Português e Literatura Brasileira. Provavelmente por essa razão, Letras na UCS à época em que eu cursei parecia repetir muito o que eu já havia aprendido no colégio, exceto pelos conteúdos de linguística. Nesse contexto e já atuando como professora de inglês desde o terceiro ano da faculdade, era iluminadora para mim toda e qualquer reflexão que esclarecesse o que estaria “por trás” das línguas faladas, de nossas capacidades para exercitar a linguagem na produção e compreensão das diferentes formas de expressão linguística. Foi dessa reflexão que senti falta ao me graduar. Eu era muito jovem quando me formei. Tinha 21 anos, era professora de inglês em colégios desde os 20, em uma rotina de trabalho “quadrada” e massacrante. Estudar linguagem, linguística e pesquisar a respeito passou a ser, para mim, um sonho acalentado, razão por que, um ano após formada, ingressei no Mestrado na UFRGS.

Eu fiz a seleção para o Mestrado em Língua Portuguesa da UFRGS em outubro de 1988, e ingressei no curso em março de 1989. À época, o PPG da UFRGS oferecia apenas Mestrado, e em duas grandes áreas, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (o curso de Doutorado iniciou-se apenas em 1995, parece-me). O Mestrado tinha duração de três anos; eu o concluí em quatro, em 1993 – a UFRGS passou por greves no período, uma delas “histórica” e muito longa, o que acabou desemparelhando os semestres letivos dos anos em curso.

Minha turma tinha apenas nove alunos, contando comigo – oito moças e um rapaz, que faleceu poucos anos depois. Ou seja,

houve apenas nove ingressos em Língua Portuguesa naquele ano. Eram da minha turma as professoras Maria José Blaskovski Vieira, Laura Rosane Quednau e Valéria Neto de Oliveira (Monareto, depois de casada). Eu fui aluna das professoras Leda Bisol (Fonologia), Olga Fedossejeva (Fonética), Eunice Jaques Martins (Pragmática), Ione Bentz (Semântica) e Margot Levi-Mattoso (Linguística Geral), e dos professores Walter Koch (Dialetoлогия), Celso Pedro Luft (Syntaxe, Morfologia) e Vilson Leffa (Metodologia de Pesquisa). Eu não tinha uma ideia clara do que iria pesquisar quando entrei no curso, todas as disciplinas me interessavam. Encantei-me por Semântica e Pragmática. Minha primeira ideia de pesquisa foi investigar provérbios. Eu já sabia da existência de uma coletânea de provérbios italianos então ainda usados na minha região de procedência, a antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. No entanto, os turbulentos anos político-institucionais por que passava a UFRGS – houve um primeiro Plano de Aposentadoria Incentivada no funcionalismo público à época – deixaram-nos “sem chão”. Enveredar em Fonologia foi uma grande obra do acaso em meu percurso: eu e a colega Maria José Blaskovski Vieira pegamos um ônibus para retornar do Campus do Vale ao Centro após um dia de aulas quando a professora Leda Bisol sentou-se no banco à nossa frente. Cumprimentou-nos, sentou-se virada para trás e entabulou uma conversa: “E aí, como estão, como vai o curso?” (ela já tinha sido nossa professora). Relatamos à professora Leda a dificuldade de pensar em um projeto de pesquisa e conseguir orientação nas circunstâncias institucionais vividas à época. Ela, então, ofereceu-se

para nos ajudar: disse-nos que havia, como outros colegas, recém encaminhado sua aposentadoria, mas que poderíamos solicitar sua orientação. O encaminhamento era todo feito “em papel”, a tramitação demorava um pouco. Nós encaminharíamos um pedido de orientação a ela, com data anterior à solicitação de aposentadoria e ela o aceitaria. Foi assim que eu vim a investigar, na pesquisa de mestrado, a elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo no português do Rio Grande do Sul, buscando respostas para indagações surgidas na pesquisa de tese da professora Leda, sobre harmonia vocálica. Minha pesquisa de dissertação valeu-se de dados levantados em entrevistas realizadas pela professora nos anos 1980 em comunidades representativas das grandes formações étnico-culturais do estado (região metropolitana, regiões de base étnica alemã e italiana, região fronteiriça). Analisei dados de fala usando os procedimentos metodológicos da análise quantitativa variacionista laboviana, que a professora Leda havia empregado em sua tese, mas a discussão dos resultados foi pausada pela teoria fonológica (Fonologia Autossegmental). Desenharam-se, aí, os dois grandes rumos que minhas pesquisas tomariam dos anos subsequentes até hoje: em fonologia, especialmente processos fonológicos, e em sociolinguística, especialmente variação na estrutura e variação como prática social.

O doutorado, cursei na PUCRS, onde a professora Leda passou a atuar ao aposentar-se da UFRGS em 1990. Ela seguiu orientando alunas da UFRGS como eu até a defesa do Mestrado. A coordenação da PUCRS sabia dessa atividade de orientação da

professora Leda e, quase ao final do Mestrado, a então coordenadora do PPG em Letras da PUCRS, professora Regina Zilberman, em uma conversa comigo, a colega Maria José e a professora Leda, no corredor do prédio 8 da PUCRS, nos convidou informalmente a fazer a seleção para o Doutorado em Linguística naquela casa. Eu relutei a me inscrever, mas, nas semanas subsequentes, por estímulo da colega Maria José (“o cavalo não passa encilhado duas vezes”) e pela circunstância de já estar dando aula no curso de Letras da UCS – desde 1992, em disciplinas de linguística, substituindo a professora Ana Buogo, que havia assumido função na administração institucional –, entendi que deveria me candidatar, pleiteando orientação com a professora Leda Bisol, agora nesse novo nível. Foi assim que dei prosseguimento aos estudos de pós-graduação: defendi a dissertação de mestrado na UFRGS em dezembro de 1993, iniciei o Doutorado na PUCRS em março de 1994 e defendi a tese em agosto de 1997. Foram anos intensos, fiz inclusive Doutorado Sanduíche na Holanda durante o período. A tese foi em fonologia: analisei os ditongos nasais do português pela Teoria da Otimidade. Uma parte dos dados da tese, levantados de entrevistas do Projeto VARSUL, não consegui analisar até a data da defesa. Efetuei o estudo desses dados posteriormente, na linha da sociolinguística variacionista laboviana, em meu primeiro projeto de pesquisa na UCS, no qual fiz minhas primeiras orientações de iniciação científica (a partir de 1998). Foi o que pavimentou o caminho para minha produção científica, exigência para atuar no Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS a partir

de 2002, ano de início desse curso, até fevereiro de 2010, quando saí da UCS e passei a atuar na UFRGS, assumindo uma vaga REUNI (originada da abertura do curso de graduação em Fonoaudiologia da UFRGS) conquistada no concurso do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS em julho de 2009. Eu já tinha em torno de dez orientações concluídas em pós-graduação quando entrei na UFRGS, mais as de iniciação científica, e já era pesquisadora do CNPq (desde agosto de 2006), o que me possibilitou ingressar no PPG da UFRGS apenas seis meses após o início de minha atuação na nova universidade – foi só o tempo da tramitação dos “papéis”. Meu credenciamento no PPG ocorreu, portanto, em 2010. Vinculei-me à linha de pesquisa de Fonologia e Morfologia e, a partir de 2015, também à linha de Sociolinguística (que teve início nesse ano).

À época de meu credenciamento, como ainda hoje, a linguística situava-se na área de Estudos da Linguagem do PPG. Essa abre-se a estudos não formais (a maioria) e formais. Entendo que eu tenha produção nos dois tipos de estudo, em Sociolinguística e em Fonologia. Essas linhas, no entanto, não abrigam os maiores contingentes de alunos no Programa, situação de outros PPGs no Brasil. Parece-me que, hoje, o PPG em Letras da UFRGS faz mais estudos de usos da linguagem do que de língua (sua estruturação e organização interna) em si. Ainda assim, conta com docentes e massa crítica para manter ao menos duas linhas de pesquisa em linguística formal, o que é meritório e relativamente raro no cenário nacional. Atualmente, tenho a impressão de que as áreas

da enunciação e discurso e da linguística aplicada concentram os maiores contingentes de docentes e alunos do nosso PPG. Nesse sentido, e comparando-se ao curso que conheci enquanto aluna, lá no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a área de linguística do PPG em Letras da UFRGS mudou muito: cresceu e diversificou-se, sempre mantendo o empenho na qualidade dos trabalhos e em sua contribuição tanto teórica quanto aplicada.

De minhas contribuições ao PPG da UFRGS, destaco duas. A primeira delas é a constituição da linha de pesquisa de Sociolinguística. Ingressar no PPG na linha de Fonologia e Morfologia significou, para mim, particularmente em termos de orientação, deixar de lado uma parte relevante da pesquisa que eu vinha fazendo na UCS, em variação linguística e práticas sociais. Na oportunidade de uma reestruturação interna do PPG, discutida entre 2012 e 2014, conversei a respeito com o colega Cléo Vilson Altenhofen. Esse, então ligado à extinta linha de Linguagem no Contexto Social (LCS), cujos professores hoje compõem, em sua maioria, a linha de Linguística Aplicada, também se sentia um pouco à parte dos interesses principais da linha de LCS. Foi daí que surgiu a ideia de propor uma nova linha, acolhendo a pesquisa em sociolinguística e em dialetologia. Propusemos a linha de Sociolinguística juntamente com as professoras Karen Pupp Spinassé, Florence Carboni e Svenja Brünger. A linha foi implementada em 2015, teve as primeiras dissertações defendidas em 2017 e as primeiras teses, em 2019. Com a linha, consolidou-se a pesquisa em dialetologia, uma tradição do PPG em Letras da UFRGS desde o ALERS e os

professores Valter Koch e Mário Klassman; abriu-se espaço para estudos de variação como prática social e estudos variacionistas labovianos que coloquem no centro da discussão as correlações entre formas linguísticas e categorias sociais, e não ponham a metodologia quantitativa a serviço de outras indagações linguísticas, como ocorreu em minha própria dissertação de mestrado (usei os procedimentos quantitativos labovianos, mas a análise e a contribuição maior do trabalho foram fonológicas).

A segunda contribuição ao PPG a que dou destaque é a constituição, como resultado de meu projeto de pesquisa no CNPq (2015-2019), de um acervo de entrevistas socio-linguísticas com informantes de Porto Alegre, o *LínguaPOA* (<https://www.ufrgs.br/linguapoa/>). Esse acervo vem alimentando análises sobre o português de Porto Alegre em variação linguística, em fonologia e sintaxe, tanto de meus orientandos de iniciação científica e de pós-graduação, quanto de estudantes de outros colegas, da UFRGS e fora dela. Na comparação com os dados do VARSUL, temos conseguido comprovar mudanças linguísticas que se efetivaram em 25 anos e outras que estão em andamento, o que não é pouco em pesquisa linguística.

Espero seguir contribuindo, com meus estudos e orientações, para a história do PPG em Letras da UFRGS. Que sejam muitos e belos os novos capítulos de investigação e de produção intelectual do Programa.

• • •